

Presidente pede pacto nacional por reforma fiscal

Ao mesmo tempo em que criticou duramente a oposição, o presidente Fernando Henrique Cardoso pregou ontem de manhã, ao anunciar seu programa de governo para um possível segundo mandato, o diálogo, a união e até um pacto para aprovar um conjunto de reformas fiscais capaz de evitar que, a cada turbulência financeira, o governo tenha que recorrer a pacotes e cortes de gastos que geram resultados insignificantes.

À tarde, numa solenidade no Planalto, o presidente reforçou a idéia de pacto: "Nós precisamos fazer o que os países mais avançados já fizeram: um pacto nacional pelo ajuste fiscal. Ajuste fiscal não pode ser visto como uma imposição, uma mordada do Executivo sobre o apetite gastador de quem quer que seja. Tem de ser visto como uma necessidade nacional, compartilhada, assumida de maneira correta, aberta, clara pela sociedade. Os EUA fizeram isso. Levaram anos, mas lá houve um pacto no Congresso. E o próprio Partido Republicano, em oposição, foi o que mais cobrou a execução desse pacto. Quisera eu que a nossa oposição aqui cobrasse a execução de um pacto em favor do Brasil, em vez de o tempo todo destruir o que é bom para o Brasil", repetiu.

Ainda que o programa de Fernando Henrique não faça menção direta à crise provocada pela derrocada das bolsas na Rússia, há sinais de que o problema ao menos respingou nas 190 páginas do caderno divulgado ontem. O programa não traz uma meta de crescimento da economia e projeta uma fuga de capital estrangeiro do país.

Desde 1994, último ano do governo de Itamar Franco, o investimento estrangeiro vem crescendo no Brasil. Foram US\$ 2,2 bilhões naquele ano e no ano passado os recursos externos ultrapassaram os US\$ 15 bilhões. Segundo afirmou ontem Fernando Henrique, este ano os investimentos deverão ficar em torno de US\$ 20 bilhões.

Ou seja, mesmo que houvesse uma estagnação nesse patamar, o volume de investimentos nos próximos quatro anos deveria ficar em torno de US\$ 80 bilhões. Só que o programa anunciado ontem projeta um investimento de US\$ 50 bilhões, o que equivale a uma média de R\$ 12,5 bilhões por ano.

Fernando Henrique disse que essa projeção de redução nos investimentos mostra que o governo está atento ao que ocorre no mundo e deverá buscar outro tipo de financiamento que possa funcionar como uma alternativa. "Se for verdadeiro o que dizem que vai acontecer, então teremos um caminho", afirmou o presidente. "Se não há capital externo, há capital interno".

O candidato tucano usou a previsão de redução nos investimentos externos incluída em seu programa como argumento para negar que exista divergências entre duas correntes distintas do governo. Uma delas, liderada pelo ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, estaria tentando alterar a política econômica e reduzir a dependência do país de recursos externos. Outra, defendida por Pedro Malan, ministro da Fazenda, e Gustavo Franco, presidente do Banco Central, estaria interessada em manter o caminho trilhado até agora.

O programa não faz uma projeção de crescimento da economia e se limita a lembrar que, nos últimos anos, a média de crescimento foi de 4% ao ano. De acordo com especialistas, essa média poderá cair pela metade.

Ao falar sobre a razão que levou o governo a fazer uma proposta orçamentária estimando um crescimento de quase 4% no próximo ano, Fernando Henrique não demonstrou muita convicção. "Fazer uma meta é sempre possível, a pergunta é se cumprir a meta será possível", disse o presidente.

Apesar de o programa dar indícios de que não ignora a crise, aparentemente as turbulências da economia não tornaram as metas de Fernando Henrique menos otimistas. Ele manteve a projeção de criar quase 8 milhões de novos empregos e prevê, em muitos casos, a multiplicação de investimentos.